

A nova vida dos transplantados

Em 7 de dezembro de 1977 foi realizada a primeira cirurgia renal de Brasília, no Hospital Universitário (HUB). Arilma Noronha, que vive hoje em São Paulo, recebeu o rim do irmão. O Hospital de Base assumiu o programa logo depois. Somente em 1991, com a criação da Unidade de Transplantes Renais do HBDF, um maior número de pessoas pôde ser atendido. Dos 410 transplantes, 325 foram feitos nos últimos cinco anos.

Lílian de Oliveira Campos, 21 anos, ficou três anos na fila. Debilitada com a doença, abandonou os estudos no início do segundo grau. A cirurgia foi feita em 9 de setembro. Já em casa, no Cruzeiro, só pensa em voltar para a escola e recuperar o tempo perdido. "Dois dias depois da operação, os médicos me mandaram tomar seis garrafas de água. Nem acreditei".

A rotina diária de Dilvan Ferreira dos Santos, 27 anos, inclui 16 comprimidos, além de cuidados com a comida, que deve ter pouco sal, e evitar qualquer tipo de infecção. "Meu objetivo é me manter saudável para que o rim funcione melhor".

A insuficiência renal foi diagnosticada em abril de 1993. Dilvan fez diálise no Hospital Regional do Gama até agosto de 1995. O doador com morte cerebral beneficiou outras três pessoas, com os rins e as córneas.

O índice de sucesso dos transplantados com doadores vivos ultrapassa os 80%. Já com doadores cadáveres, a média, ao final do primeiro ano, é de 70%. Na Europa e Estados Unidos a média é 82%.(CC)